

Cardoso abrirá espaço no governo para aliados

■ José Aníbal, provável líder de um governo tucano, diz que não existe acordo para isso, mas os cargos terão que ser preenchidos

Brasília — Arnildo Schulz

JORGEMAR FELIX

SÃO PAULO

O deputado José Aníbal (PSDB-SP), depois de uma conversa telefônica com o candidato a vice-presidente, senador Marco Maciel (PFL-PE), deixou ontem claro que a articulação política para garantir maioria no Congresso no eventual governo Fernando Henrique Cardoso pode incluir a negociação de cargos. “Espaço no governo haverá para todo mundo”, afirmou. Mas destacou que os critérios serão bem claros: “É preciso, no entanto, vontade política e competência administrativa”.

Segundo Aníbal, há um “acordo tácito” entre PSDB, PTB e PFL de que não há comprometimento com cargos, mas os lugares existem e terão que ser preenchidos. “Esse apoio terá que ser feito sem compromisso com governo”, disse. O deputado, que num governo Fernando Henrique seria candidato forte a sei líder na Câmara, é um dos principais articuladores da maioria parlamentar que garantiria os três quintos do Congresso para aprovar a reforma constitucional prometida pelo candidato tucano, que a considera a única alternativa para o governo promover reformas estruturais no país, depois do fracasso da revisão constitucional.

‘Emendão’ — O candidato do PSDB pretende enviar essas emendas constitucionais ao Congresso já nas primeiras semanas de mandato, caso vença as eleições. A missão do deputado paulista é procurar políticos comprometidos com o *emendão* que incorporaria as reformas do Estado, da Previdência Social, do sistema tributária e do sistema político e procurar arrancar-lhes uma

palavra de apoio definitivo. O *emendão* é uma das peças importantes na estratégia de Fernando Henrique para dar sustentação ao Plano Real.

A articulação pode incluir até o PT, segundo o deputado. Aníbal e o deputado José Genoíno (PT-SP) têm boas relações de amizade. O outro petista na mira dos tucanos é o candidato a vice-governador do Rio Grande do Sul, deputado Éden Pedroso. “Até porque essa maioria não vale só para o PSDB, mas para o PT também”, afirmou Aníbal. No PMDB, os interlocutores devem ser os deputados Germano Rigoto (RS), Luiz Roberto Ponte (RS), Luiz Carlos Santos (SP) e Alberto Goldman (SP). “São pessoas comprometidas com essas propostas”, disse.

O PDT, na opinião do tucano, será a conquista mais difícil. O interlocutor mais cotado é o deputado Miro Teixeira (RJ). No PPR, Aníbal trabalha com a possibilidade de apoio de Delfim Netto (SP). “Delfim diz que é a favor da reforma, vamos ver na hora da onça beber água”, desafiou.

□ O líder do PL na Câmara, Valdemar Costa Neto (PL-SP), disse que a aproximação entre o PL e o PSDB “azedou”. Costa Neto ficou irritado com a atitude do coordenador da campanha tucana, Pimenta da Veiga, que exigiu explicações do presidente do partido, Álvaro Valle, sobre as negociações em torno de um ministério. Em troca do apoio à candidatura de Fernando Henrique Cardoso e da adesão branca à coligação PSDB-PFL-PTB, o PL estaria querendo garantir lugar num eventual governo de Cardoso. Costa Neto reagiu, irritado, à investida de Pimenta da Veiga: “Ele não tem que exigir nada. Ele manda no PSDB; no PL quem manda é o Álvaro Valle”.



Cardoso já trabalha na formação de uma base de apoio para a reforma constitucional que pretende fazer